

## 6) "Não vim para fazer a minha vontade"

A insistência ou melhor, a concentração de São Bento sobre a obediência como o caminho de retorno do homem à natureza de imagem e semelhança de Deus deriva do fato que o homem é imagem de Deus, sobretudo enquanto dotado de vontade, mais especificamente, dotado da capacidade de amar, porque Deus é Amor e o homem não vive a sua natureza de imagem de Deus, se sua vontade não adere à vontade do amor de Deus.

Este aspecto é esclarecido na Regra pelas passagens em que retorna o tema da imitação de Deus; como eu disse, não existe o termo *imago* na Regra, mas se encontra o verbo *imitari*, imitar, que deriva da mesma raiz indo-européia *im-*, que é também a raiz de *imago*.

O verbo "imitar" repete quatro vezes na Regra. Cito essas passagens, porque são tanto iluminantes sobre o nosso tema da imagem de Deus.

A primeira é no capítulo 5 sobre a obediência, onde Bento fala daqueles que "permanecem no mosteiro e desejam submeter-se a um abade" (5,12). "Sem dúvida – acrescenta imediatamente – estes imitam aquela sentença do Senhor que diz: 'Não vim para fazer a minha vontade, mas a vontade Daquele que me enviou.'" (5,13; Jo 6,38).

O segundo se encontra no capítulo 7 sobre a humildade, onde São Bento coloca em relação a imitação com esta citação do Evangelho de João: "O segundo grau da humildade consiste em que, não amando a própria vontade, não se deleite o monge em realizar os seus desejos, mas imite nas ações aquela palavra do Senhor: 'Não vim fazer a minha vontade, mas a d'Aquela que me enviou.'" (RB 7,31-32).

O terceiro uso do verbo imitar vem imediatamente depois: "O terceiro grau da humildade consiste em que, por amor de Deus, se submeta o monge, com inteira obediência ao superior, imitando o Senhor, de quem disse o Apóstolo: 'Fez-se obediente até a morte.'" (RB 7,34).

Enfim, o verbo imitar se encontra ainda no Capítulo 27, sobre a solicitude do abade para os excomungados: "Imite o pio exemplo do bom pastor que, deixando as noventa e nove ovelhas nos montes, saiu a procurar uma única ovelha que desgarrara, de cuja fraqueza a tal ponto se compadeceu, que se dignou colocá-la em seus sagrados ombros e assim trazê-la de novo ao aprisco." (RB 27,8-9).

Estas passagens da regra, embora pouco numerosas, são um valioso esclarecimento sobre aquilo que significa, para São Bento, recuperar a imagem de Deus em nós.

Em primeiro lugar, notamos que se trata sempre de imitar Cristo, e Cristo essencialmente em duas atitudes: obediência e misericórdia.

A obediência de Cristo é a sua obediência ao Pai, que o enviou ao mundo para salvar os homens. Podemos dizer que Jesus obedece ao Pai em seu amor pelo homem, e o faz até a morte, ápice da manifestação da obediência e, ao mesmo tempo, do amor de Jesus. Cristo obedece por amor, para amar, até o fim, a humanidade perdida.

A imagem do Bom Pastor é, portanto, semelhante: uma imagem "falante" do amor obediente de Jesus para com o homem pecador, que nos permite imitá-lo melhor.

Porém, o que me parece particularmente importante nestas passagens da Regra, sobre a imitação de Cristo, é o fato que são, ao mesmo tempo, cristológicos e trinitários. Trata-se da obediência salvífica e misericordiosa de Jesus, mas é uma obediência ao Pai. Imitando assim Cristo, alcançamos a nossa imagem e semelhança trina, pela graça do Espírito.

Isto nos leva a primeira palavra pronunciada por Deus ao criar o homem, a palavra da qual começamos: "Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança" (Gn 1,26).

Quem fala aqui? Deus, naturalmente. Foi, como relevaram os Padre, o Deus trino que fala no plural; mas podemos nos fazer uma pergunta aparentemente banal, que porém não é tanto assim, que é: o Deus que fala, ou o que fala primeiro, é o Pai, o Filho ou o Espírito Santo? Quem diz primeiro "Façamos"?

Sem dúvida, na dimensão da eternidade, as Pessoas da Trindade fazem tudo em perfeita e total sintonia, mas Cristo nos revelou que as relações trinitárias das pessoas divinas, são determinadas pela identidade de cada uma. O Pai é pai, Filho é o filho, o Espírito é espírito de Amor.

Quem "governa" a perfeita unidade da Trindade é o Pai, e isso faz com que o Filho se coloque eternamente em uma atitude de obediência de amor para com o Pai, assim como o Espírito se coloca em uma atitude de obediência amante do amor, entre o Pai e o Filho. Inútil insistir, não compreenderemos nunca estes mistérios.

Porém, quando Deus diz: "Façamos" para criar o homem, devemos imaginar que este "Façamos" parte da vontade do Pai, mas também que não há alguma diferença entre a palavra pronunciada pelo Pai, e o eco de amor e obediência com o qual o Filho e o Espírito, se unem ao Pai, para dizer, também Eles: "Façamos."

Se fosse um compositor, creio que passaria toda minha vida para compor uma peça, onde três vozes cantariam "Façamos", uma após o outra, e todavia juntas, em três notas, e todavia a mesma, em três melodias, e todavia a mesma, e isto não deveria durar que um milésimo de segundo, portanto seria uma peça muito bonita de se ouvir, mas que não se ouviria que silêncio... Não sei se me expliquei. Talvez Arvo Pärt é o compositor que se aproxima mais desta peça de música impossível ao homem, mas possível para Deus.

Bem, é este "Façamos" que faz o homem, e é neste "Façamos" que está contida e expressa a imagem de Deus inscrita em nós. Quando Bento convida-nos a imitar a Cristo no ato de dizer: "Não vim para fazer a minha vontade, mas a vontade Daquele que me enviou", é como se nos conduzisse a concordar, por meio da obediência, à esta sinfonia trinitária, que nos cria à imagem da obediência imediata e eterna de amor, que vive no Deus três vezes Santo.

No fundo, devemos viver, cada momento, na escuta deste Acorde Sinfônico trinitário que nos cria e se imprime em nós. Creio que a toda a Regra, não é que o caminho desta escuta, a fim de que este Acorde trinitário que diz "Façamos", para fazer-nos, possa voltar a ser a Fonte consciente da nossa vida; para que este

Acorde trinitário possa realmente recriar-nos em cada momento, em cada circunstância e relação da nossa humanidade. Deveremos aprofundar o que isto significa. O que é certeza, é que é esta a santidade a qual somos chamados e destinados; é para retornar ao esplendor desta imagem de Deus em nós, que o Filho fez-se Pastor obediente até a morte, para reconduzir à casa do Pai a ovelha perdida, que somos.

É neste sentido que devemos, creio, compreender também o significado do gesto de levantar-se quando se canta o *Gloria Patri*, "para a honra e reverência devida à Trindade" (RB 9,7). Levantar-se (e nota-se, enfaticamente, que Bento não diz "enclinar-se") é um gesto, com o qual, o homem não expressa somente seu respeito por quem está diante dele. Levante-se exprime também um "Eis-me aqui" de disponibilidade e serviço. Diante a Trindade, o homem que se levanta expressa assim, a sua disponibilidade à vontade e ação da Trindade nele, e estas vontade e ação, são sempre expressas no "Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança". Quando nos levantamos por reverência a Trindade, é como se disséssemos: "Eis-me aqui, sou tua imagem e a Tua semelhança. Que tudo seja feito para mim, segundo a tua Palavra amorosa e creadora: 'Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança!'".